

Espaço para divulgação

Maio/junho 2002
Volume 2, Edição 2

Nesta edição

1 Triálogo uma Conversa sobre literatura

Quem Somos?

Nosso Diretor

O que queremos?

2 As Escolas Literárias Brasileiras

4 Quem Somos Poemas

Espaço para divulgação

Cia Mungangu's de Teatro
Fortaleza – CE
9977 4289 – 252 63 72

TRIÁLOGO

Uma conversa sobre literatura

Por acreditarmos na Educação como forma de transformação social, resolvemos nos juntar e montar o espetáculo: “**Triálogo Uma conversa sobre literatura**”. Que tem o caráter inovador de levar ao aluno trabalhador do Ensino Médio, um espetáculo de teatro, que não só pelo entretenimento mas, que tenha a função de instrumento pedagógico, levando de forma lúdica toda uma discussão sobre Literatura e Poesia, possibilitando assim, não só um momento de intimidade com o Teatro, mas uma reflexão sobre o homem, fazendo-os pensarem e questionarem sobre as várias Escolas Literárias que refletem o pensamento de uma época. Tudo isso através de três jovens que se preparam para o vestibular, e que estudam em escolas públicas, aproximando mais ainda público e espetáculo.

É a realização de um sonho! E também a nossa contribuição a sociedade.



Quem Somos?

A Cia Mungangu's de Teatro nasceu da idéia deste espetáculo. Somos todos jovens oriundos da Escola Pública. E com uma vontade dizer muita coisa através do Teatro que acreditamos, seja o nosso veículo de comunicação, a nossa arma para a revolução, não só da educação, mas também da sociedade.

Nosso Diretor: Ronaldo Agostinho

É Ator, com vários Espetáculos montados, entre eles “Os Ik's” de Collin Turbal com direção de Celso Nunes, “Eu E Outros Eus” sobre a Poesia de Augusto dos Anjos e “Retalho Rebotelho” que ganhou o prêmio de melhor Espetáculo pelo Festival do SESC Crato; É Instrutor de Teatro do Instituto Dragão do Mar, ministrou a 1ª. OFICINA DE SENSIBILIZAÇÃO EM ARTE EDUCAÇÃO, para a Secretaria de Educação, como preparação do FESTAL (Festival de Talento da Escola Pública); Assistente de Produção do Colégio de Direção Teatral no espetáculo “Fragmentos do Poder e da Morte” que levou para o Teatro José de Alencar em dez dias mais de 3.000 alunos da rede pública do Estado; Produtor do Grupo “Que História É Essa?”, que montou cenas com fatos pitorescos da História do Ceará, entre elas “Dragão da Liberdade” e “Bode Yoyô” que tem sua direção.

O que queremos?

No momento queremos discutir com vocês as questões sobre as escolas literárias e suas obras o que elas representam para nós no presente e como podemos com elas entender o nosso passado?

Queremos também convidá-los para as sessões de leituras dramática que faremos de obras da dramaturgia brasileira. Pergunte-nos quando e onde?

Literatura brasileira

“E ao imenso possível oceano
Ensinam essas Quimas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou
romano:

O mar sem fim será português.”

(Fernando Pessoa)

No final do século XV, os portugueses
havia-se tornados mestres na arte de
navegar.

A hipótese de novas terras tinha sido
confirmada. Foi assim que Pedro
Álvares Cabral chegou ao Brasil, em
1500. Época que vigorava o humanismo
em Portugal. E foi através de uma carta
escrita pelo escrivão mor da esquadra
cabralina que o rei d. Manuel soube
desta descoberta.

Carta de achamento do Brasil

“Senhor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa
frota, e assim os outros capitães
escrevam a vossa Alteza a nova do
achamento desta vossa terra nova, que
nesta navegação agora se achou, não
deixarei também de dar minha conta
disso a Vossa Alteza, o melhor que eu
puder, ainda que – para o bem contar e
o falar -, o saiba pior que todos.

Tome Vossa Alteza, porém, minha
ignorância por boa vontade, e creia bem
certo que, para alindar nem afeiar, não
porei aqui mais do que, aquilo que vi e
me pareceu...”

Pero Vaz de Caminha

A carta de Pero Vaz

A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muitos,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem á vontade,
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudosos
se for embora daqui.

Versão da carta de Caminha

Murilo Mendes

Escolas	Época	Características	Representantes / Obras
Informativa /Jesuítica	1500 até 1601	Informativas sobre: - Riquezas da terra - Nativos - Clima - Condições de vida	- Pero Vaz : Carta de Achamento do Brasil - Pero Magalhães Gândavo: Tratado da terra do Brasil e da Província da Santa Cruz a que vulgarmente chamamos chamam Brasil - Gabriel Soares de Sousa: Tratado descritivo do Brasil - Pe. Fernão Cardim: Narrativa epistolar / Tratado da terra e da gente do Brasil - Ambrósio Fernandes Brandão: Diálogos da grandeza do Brasil
Barroco	1601 até 1768	- Contraste - Verbalismo - Religiosidade - Sensualismo - Pessimismo - Culto da solidão - Transitoriedade da vida - Preocupação constante com a morte - Gosto pelo grandioso e pela intensidade dramática - Tensão emocional	- Bento Teixeira: Prosopopéia - Gregório de Matos: Poemas Escolhidos - Pe. Antônio Vieira: Sermões / História do futuro / As esperanças de Portugal - Cláudio Manuel da Costa: Obras Poéticas
Arcadismo	1768 até 1836	- Volta ao modelo greco-romanos - Predomínio - Retorno ao equilíbrio - Busca da perfeição da forma - Procura de um estilo simples, natural, despojado das metáforas e hipérboles - Identificação da arte com a natureza - Simplificação do estilo, sem perder a nobreza - Tendência introspectiva - Uso de pseudônimos pelos poetas - Linguagem graciosa e melodiosa (rococó)	- Tomás Antônio Gonzaga: Marília de Dirceu / Cartas chilenas - Cláudio Manuel da Costa: Obras Poéticas - Gonçalves de Magalhães: Suspiros poéticos e saudades - Basílio da Gama: o Uruguai

Romantismo	1836 até 1881	• Reação ao modelos arcádicos e neoclássicos • Indianismo e exotismo • Regionalismo e sertanismo • Tendência patriótica e nacionalista • Busca da solidão, do sonho e do devaneio • Exagero na emoção e no sentimento	• Gonçalves de Magalhães: Cânticos fúnebres, A Confederação dos Tamoios • Gonçalves Dias: Os Timbiras, Beatriz • José de Alencar: O guarani, til, Diva • Joaquim Manuel de Macedo: Vicentina, A moreninha, A nebulosa • Castro Alves: Es pumas flutuantes, Os escravos, Vozes d'áfrica • Martins Pena: O irmãos das almas, A barriga do meu tio, O noviço
Realismo/naturalismo	1881 até 1893	• Objetividade • Universalismo • Materialismo • Tendência anticlerical • Observação da realidade • Cientificismo	• Machado de Assis: Desencantos, Esaú e Jacó, O protocolo • Aluísio Azevedo: O homem, O mulato, O esqueleto, O cortiço • Manuel de Oliveira Paiva: A afilhada, Dona Guidinha do poço • Ra Pompeia: O Ateneu, Canções sem metro
Parnasianismo		• Culto a natureza • Exterioridade • Retorna a cultura clássica • Idéias claras precisas, exatas • Predomínio da razão • Aproximação da escultura, pintura • Cientificismo • Rimas ricas, rebuscadas • Predomínio do ver e do descrever • Visão poética passadista	• Olavo Bilac: Sagres, ironia e piedade • Raimundo Correia: Sinfonias, Aleluias • Alberto de Oliveira: Meridionais
Simbolismo	1893 até 1902	• culto ao sonho • interioridade • retorno ao Romantismo • idéias nebulosas, imprecisas, sugestivas • predomínio da emoção e intuição • aproximação da música • espiritualismo • rimas sonoras, musicais • predomínio do sentir e do sugerir • visão poética de vanguarda	• Cruz e Sousa: Broquéis, Faróis, Tropas e fantasias • Alphonsos de Guimarães: Dona mística, Kriale, Mendigos, Pauvre Lyre • Medeiros e Albuquerque: Canções da decadência, • Araripe Júnior: Novidades
Pré-Modernismo	1902 até 1922	• Ruptura com o passado • Destaque à psicologia do brasileiro • Acentuado nacionalismo • Sincretismo estético • Preferência pelo contraste físico, social e moral	• Euclides da Cunha: Os sertões, Canudos • Monteiro Lobato: Urupês, O Sítio do Pica-pau Amarelo • Lima Barreto: Os bruzundangas, Bagatela, Feiras e mafuás • Augusto dos Anjos: Eu • Graça Aranha: Canaã, Espírito moderno
Modernismo	1922 até 1930 1945...	• Linhuagem cotidiana • Aparente hermetismo • Valorização do prosaico • Liberdade formal • Busca do imprevisível e do insólito • Atitude irreverente • Interesse pela vida humana interior • Originalidade e autenticidade • Comunicação direta da idéias	• Manuel Bandeira: A cinza das horas, Guia de Ouro Preto, Opus • Mário de Andrade: Macunaíma, Amar verbo intransitivo • Oswald de Andrade: Os condenados, O homem e o cavalo, O rei da vela • Alcântara Machado: Brás, Inacabado • Menotti del Picchia: Juca Mulato, Chuva de pedras, Salomé • Que tal pesquisar outros?

Fátima Pereira

Oriunda da escola pública para a UFC, no curso de Ciências Sociais, engajada em movimentos sociais, participa também do grupo Urbanóides

Cleuton Santos

19 anos, vindo da escola pública, alfabetizador de crianças na sua comunidade, despertou para o teatro através da sua professora de literatura e autora do texto Triálogo

Fernando Prado

20 anos, formado pela escola pública, educador social, líder comunitário do conj. Tancredo Neves, diretor de redação do jornal comunitário INTER AÇÃO

Sermão da Quarta-feira de cinza (Fragmento)

Ora suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse: perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó; em que nos distinguimos uns dos outros? Distiguimo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: HIC JACET. O pó somos nós: Qui pulvis es; Deu o vento, levantou-se o pó; parou o vento, caiu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó caído; estes são os mortos. Os vivos pó, os mortos pó; os vivos pó levantado, os mortos pó caído. Esta é a distinção e não há outra.

Pe. Antônio Vieira

Marília de Dirceu Lira VII

Um dia que o gado
No prado guardava,
Amor me aparece
Com arco e aljava.

No tronco mais verde,
Que no prado houvesse,
Amor me mandou
Seu nome escrevesse.

Contente parti
Um tronco buscar,
Para nele as ordens
Pronto executar.

No tronco dum freixo
Que viçoso vi,
Quis gravar “amor”
Marília escrevi.

“Não temas, Dirceu,
Não mudes de cor;
Nesse doce nome
Escreveste amor”

Tomás Antônio Gonzaga

A canção do africano

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades o seu torrão...

“minha terra é lá longe,
das bandas de onde o sol vem;
esta terra é mais bonita,
mas à outra eu quero bem!

“lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro.

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;
E a escrava acabou seu canto,
Pr’a não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar

Castro Alves

*Espaço para divulgação:
Coloque aqui a sua Logomarca*